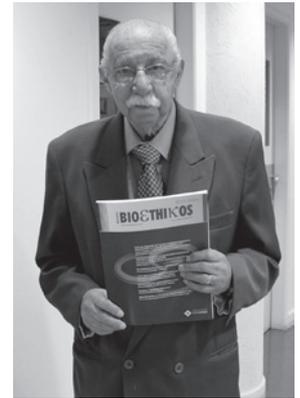


Dr. William Saad Hossne

Esta seção foi criada pela Presidência da União Social Camiliana como forma de prestar homenagem ao professor e coordenador do programa de pós-graduação em Bioética do Centro Universitário São Camilo-SP.

Iniciamos a seção com a entrevista concedida pelo Dr. William Saad Hossne e publicada na Revista FAPESP; em seguida apresentamos o texto “Crepúsculo ou Renascimento?”, elaborado e lido por ele no X Congresso Brasileiro de Bioética, em que foi Presidente de Honra; então registramos a homenagem feita a ele no mesmo congresso; e finalizamos com um texto, publicado na Folha de São Paulo, que mostra parte de sua repercussão na mídia.

Gostaríamos de manifestar nossos sinceros agradecimentos ao Dr. William Saad Hossne por todos os anos de dedicação ao Centro Universitário São Camilo e à causa Bioética.



William Saad Hossne: guardião da bioética e um humanista admirável^a

Fabício Marques*

RESUMO

William Saad Hossne nasceu aos 4 de janeiro de 1927, na cidade de Botucatu (SP). Médico-cirurgião formado pela Faculdade de Medicina da USP em 1951, foi professor titular de Cirurgia da Faculdade de Medicina de Botucatu (UNESP). Participou da criação da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), sendo seu segundo diretor científico, entre os anos 1964-1967; depois, entre 1975-1979. Foi Reitor da Universidade de São Carlos de 1979-1983. Prof. Saad Hossne foi o criador, em 1995, a partir de um grupo de trabalho para elaborar diretrizes éticas para pesquisas com humanos no Brasil da CONEP (Comissão Nacional de Ética da Pesquisa em Humanos), junto ao Ministério da Saúde / Conselho Nacional de Saúde (Brasília-DF) tendo sido seu coordenador durante mais de uma década (1996-2007). A partir dessa instância, criou-se uma *network* de mais de 500 Comitês de Ética em Pesquisa em Humanos, que exercem o chamado controle social das pesquisas com humanos no Brasil. Foi um dos pioneiros da criação da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB), tendo sido seu primeiro Presidente entre 1995-1997. Foi o criador e atual coordenador do programa de pós-graduação em bioética *stricto sensu* (mestrado, doutorado e pós-doutorado) no Centro Universitário São Camilo (São Paulo-SP). Está em pleno vigor, aos 86 anos. Uma personalidade científica profundamente respeitada pela comunidade científica, tendo recebido inúmeras honrarias, desde doutorados *honoris causa*, até o recente “troféu guerreiro da Educação Ruy Mesquita”, em 15 de outubro de 2013, iniciativa do Jornal O Estado de São Paulo e do CIEE (Centro de Integração Escola e Empresa).

William Saad Hossne, 86 anos, é conhecido por seu trabalho e militância na bioética, campo transdisciplinar que reúne a biologia, as ciências da saúde, a filosofia e o direito, e estuda a dimensão ética dos modos de tratar a vida humana e animal no contexto da pesquisa científica e suas aplicações. Autor de uma obra de referência sobre o assunto, *Experimentação em seres humanos*, Saad Hossne fundou a Sociedade Brasileira de Bioética e ajudou a criar a *Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep)*,

coordenada por ele entre 1996 e 2007. A Conep organizou um sistema de monitoramento da ética na pesquisa a que estão ligados mais de 600 comitês de hospitais e universidades em todo o país.

Mais de 10 mil médicos passaram pelos seus ensinamentos nos cursos de medicina ministrados ao longo de mais de 60 anos dedicados ao estudo científico. Com um currículo vasto e experiência ímpar no mundo da medicina e em outras áreas, o Dr. Saad, como é conhecido pelos

* Editor executivo da Revista FAPESP na área de Política Científica e Tecnológica. E-mail: fmarques@fapesp.br

a. Esse texto foi adaptado de entrevista publicada na revista da FAPESP, edição 2010, agosto de 2013. Disponível em: revistapesquisa.fapesp.br/2013/08/13/william-saad-hossne-o-guardiao-da-bioetica

alunos, foi a personalidade escolhida para receber o prêmio professor emérito 2013 – Troféu guerreiro da educação – Ruy Mesquita, concedido anualmente pelo CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), em parceria com o Jornal o Estado de São Paulo, a profissionais que dedicaram sua vida à arte de educar e ao desenvolvimento em áreas relevantes do conhecimento.

O Prof. Saad também foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Bioética (SBB), em 1992, e oficializada em São Paulo (Capital) em 1995. Foi seu primeiro presidente e iniciou uma *série* de Congressos Nacionais de Bioética pelo país. Entre as inúmeras homenagens que já recebeu, seja no âmbito da medicina ou da bioética, destacamos a homenagem a ele prestada no *X Congresso Brasileiro de Bioética*, realizado em Florianópolis de 24-27 de setembro de 2013. Atualmente, ele coordena o curso de pós-graduação em bioética (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado) no Centro Universitário São Camilo, em São Paulo. Nessa instituição universitária, prof. Saad atua há 10 anos, tendo sido o responsável pela implantação do primeiro mestrado *stricto sensu* do país, em 2004. Nessa mesma instituição, é coeditor do periódico científico *Revista Bioethikos*. Dentre sua vasta produção científica, destacamos a publicação traduzida para o espanhol, na Colômbia, pelo programa de doutorado em bioética da Universidade El Bosque, *Bioética en tiempos de incertidumbre* (2013), e no qual Saad é um dos coautores e co-organizadores.

Antes de se dedicar à bioética, o professor, que nasceu em São Paulo em 1927, seguiu uma extensa carreira de médico, pesquisador e gestor em ciência e tecnologia. Cirurgião gastroenterologista formado pela Faculdade de Medicina da USP, foi um dos fundadores, em 1962, da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, da qual é professor emérito. A instituição, criada como instituto isolado, incorporou-se à Universidade Estadual Paulista (Unesp), nos anos 1970. Também foi reitor da Universidade Federal de São Carlos, de 1979 a 1983. Participou da criação da FAPESP, tornando-se o segundo diretor científico da Fundação, entre 1964 e 1967, e voltou a desempenhar a função entre 1975 e 1979. Na entrevista a seguir, ele relembra alguns dos principais momentos de sua trajetória e os primeiros anos da FAPESP e de sua carreira acadêmica.

O SENHOR SE FORMOU EM 1951 NA FACULDADE DE MEDICINA DA USP. COMO FOI SUA FORMAÇÃO E O PRIMEIRO CONTATO COM A PESQUISA?

Vim de uma família de classe média. Em 1926, meus pais se casaram, ele com 30, ela com 20 e poucos. Minha mãe engravidou e meu pai morreu no mesmo ano, em setembro. Não conheci meu pai. É um baque para a criança quando fica sabendo desses fatos. Fui criado pelos meus tios e avós, com quem eu morava. Um dos meus tios era como se fosse meu pai. Ele, com 40 e poucos anos, teve um câncer. Acabou morrendo um ano depois, quando prestei vestibular para medicina. Acompanhei a doença, fazendo leituras, e nessa época observei que os médicos deveriam fazer mais pesquisa. Em 1946, entrei na Faculdade de Medicina com aquela ideia romântica que os jovens têm, mas infelizmente vêm perdendo, de juntar a prática médica com a pesquisa. Não só tratar a doença, mas gerar avanço de conhecimento. Trabalhei no laboratório desde o primeiro ano de faculdade. Quando me formei, em 1951, o mundo vivia um momento importante. Era o pós-guerra, quando se criou no Brasil, por exemplo, o Conselho Nacional de Pesquisa. Tinha um clima interessante para quem gostava de pesquisa e isso me entusiasmou. Fiz concurso para residente em cirurgia e fui fazer especialização na Santa Casa.

QUEM FOI IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

Na Santa Casa teve um médico que me ajudou, o doutor Oscar Bueno Nestarez. Aprendi muito sobre cirurgia com ele. Não era do mundo acadêmico, mas tinha uma formação muito boa. Fui trabalhar como estagiário no Hospital das Clínicas (HC). Queria ser cirurgião, mas fui procurar estágio em clínica médica. Eu achava importante, antes de ir para cirurgia, saber bem clínica médica, principalmente para fazer os exames adequados. Trabalhei com o professor Munhoz Cintra, que depois virou professor e pró-reitor da USP. Quando me formei, abriu-se concurso para médico do pronto-socorro do Hospital das Clínicas e eu ganhei a vaga. No início da década de 1950, era o único pronto-socorro da cidade de São Paulo e uma grande escola. Éramos nós, cirurgiões, junto com os ortopedistas, que orientávamos o pronto-socorro. Tive a felicidade de acompanhar a formação das especialidades. E me encaminhei para a cirurgia do aparelho digestivo.

NESSA ÉPOCA O SENHOR FOI TRABALHAR EM SOROCABA. O QUE O LEVOU PARA LÁ?

O professor com quem eu trabalhava no HC, Eugênio Mauro, me convidou para ser assistente na Faculdade de Medicina de Sorocaba. Ele era livre-docente, um homem de uma cultura fantástica. Com sete anos de formado, eu já era docente e me senti na obrigação de fazer os concursos. Fiz uma tese em cirurgia experimental para livre-docência em Sorocaba. No mesmo ano fiz livre-docência na USP, mas em clínica cirúrgica. Estávamos num tempo em que a cirurgia experimental era baseada no treinamento técnico em animais. Eu já observava em centros mais avançados que a cirurgia experimental começava a trazer problemas da clínica para o laboratório, usando modelos experimentais. Mais tarde, quando fui para Botucatu, criei o primeiro curso de cirurgia experimental do país com esse conceito de formar aquele pesquisador que leva seus problemas para o laboratório.

É O CONCEITO DA MEDICINA TRANSLACIONAL DE QUE SE FALA MUITO AGORA...

Exatamente. Eu ficava chocado com o costume de alguns cirurgiões de imaginarem uma nova técnica e levarem-na direto para o paciente. Não achava adequado. Nessa época, a pesquisa científica na medicina ganhava outros contornos, com a introdução da metodologia científica. Não servia mais apenas fazer a comunicação de casuística. Foi nesse momento que eu conheci o Paulo Vanzolini, porque ele frequentava o pronto-socorro onde eu dava plantão. Ficamos muito amigos, uma amizade que durou até ele ir embora. Tenho muita saudade dele. Ele foi contratado, na disciplina do professor Munhoz Cintra, para fazer trabalhos de estatística para os médicos, o que chocou o mundo médico. Dizia-se que não dava para medir a medicina por quantidade, mas por qualidade.

E VANZOLINI AJUDAVA NA DISCIPLINA?

Ele cuidava da disciplina. Eu estava preparando minha livre-docência, em 1958, e levei os dados para ele me ajudar a fazer a análise estatística. Hoje isso é considerado um erro, porque primeiro é preciso delinear a pesquisa para depois analisar os dados, mas naquela época era uma novidade. Conteí a Vanzolini o que já tinha feito e ele me

respondeu que os dados não serviam para nada, porque eu devia ter planejado antes. Eu disse 'está bem' e joguei no lixo. "Vamos começar do zero, então", respondi. Ele sorriu, disse que tinha gostado de mim, apanhou o material no lixo e começamos a trabalhar. Passei a ajudar o Paulo Vanzolini, porque ele dava esse tipo de assessoria a qualquer médico que precisasse. Depois de dois ou três anos, ele me convidou para dar aulas da disciplina. Mais tarde acabei assumindo a disciplina.

O SENHOR ACOMPANHOU O NASCIMENTO DA FAPESP, EM 1962. COMO ERA O AMBIENTE NA COMUNIDADE ACADÊMICA NESTA ÉPOCA?

Acompanhei de perto o processo de criação. O Vanzolini estava preparando a lei e me mostrava. Nessa época tinha tido sucesso o primeiro plano de ação do governador Carvalho Pinto, que preparava o segundo plano. Dessa vez, o governo queria incluir a universidade. O reitor da USP era o Ulhoa Cintra, que nomeou uma comissão multidisciplinar de áreas como física, química, biologia, medicina, veterinária para levantar o que a universidade precisava. Convivi com Crodowaldo Pavan, com Marcelo Moura Campos, Oscar Sala, Ruy Leme, que foi presidente do Banco Central. Fizemos um levantamento, cada um na sua área, e apresentamos. O governador e o reitor se entusiasmaram com o resultado. Nessa época também era notável o que estava sendo feito no panorama da chamada revolução molecular. Compreendi como isso poderia modificar toda a biologia básica e aplicada e achei que influenciaria os cursos de aplicação. Estou juntando esse estudo da USP, a ideia da FAPESP e a criação da FAPESP – toda essa experiência me permitiu fazer uma proposta para a área biomédica, a criação, na USP, de um centro de pesquisa biológica básica e aplicada. A ideia era reunir os pesquisadores da área biomédica e fazê-los conviver com o pessoal que estava dominando a nova biologia. Por razões administrativas, o centro não foi criado. Nessa época, Botucatu, como toda cidade do interior dos anos 1960, brigava para ter sua faculdade de filosofia, ciências e letras. A construção de um hospital para tuberculose na cidade havia demorado tanto que, quando ficou pronto, já não havia necessidade de um hospital naqueles moldes. O prefeito de Botucatu era amigo do governador e pressionou para criar uma faculdade de medicina naquelas instalações.

O reitor da USP, o Ulhoa Cintra, nos chamou e perguntou por que não usávamos a minha ideia, que era seguir o exemplo de centros universitários norte-americanos criados em pequenas cidades, nos quais todo mundo faz pesquisa. Em vez de criar uma faculdade de medicina, decidiu-se criar em Botucatu uma faculdade de ciências médicas e biológicas, com quatro faculdades conjugadas. Naquele momento era uma ideia pioneira. Quando a experiência chegou ao segundo ano, fui chamado a ajudar. Estava na diretoria científica da FAPESP, mas me senti na obrigação de ir para Botucatu.

QUERIA QUE O SENHOR FALASSE SOBRE OS RESULTADOS DE SUA PRIMEIRA GESTÃO COMO DIRETOR CIENTÍFICO E SOBRE SEU REENCONTRO COM A FAPESP 10 ANOS MAIS TARDE.

A FAPESP foi criada em 1962 e teve como primeiro diretor científico o Warwick Kerr, uma pessoa extraordinária que procurou dar um rumo sério à FAPESP. Havia a preocupação de que a FAPESP desse certo. O Kerr foi afastado – ou melhor, se afastou. Já havia sido preso antes e decidi ir para Ribeirão Preto. Quando assumi, encontrei o início planejado pelo Kerr e procurei ampliar, com algumas preocupações básicas. A gente fez questão de aprender com a experiência dos outros. É a trajetória do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], que já tinha uma década de existência, foi importante. Procuramos ver o que estava dando certo e o que não estava no CNPq, para não errar.

POR EXEMPLO...

Foi percepção nossa, minha, do Paulo Vanzolini, do Aziz Ab'Saber, que se devia evitar que a FAPESP tivesse compromissos administrativos e encargos permanentes. O CNPq tinha institutos para administrar e isso virou um saco sem fundo. A FAPESP pode dar apoio para a instituição e para o pesquisador, mas a administração cabe à instituição. Outro ponto importante foi limitar gastos com administração. Foi aí que surgiu o teto de 5% ao orçamento. Havia grande preocupação de dar seriedade científica a tudo que era feito. Os projetos tinham que ter qualidade e ser analisados com transparência e seriedade. Outro desafio era que estávamos em 1964, uma fase de turbulência

política no país. Tínhamos de evitar que houvesse interferência política na concessão de bolsas e auxílios. Criamos um slogan: a FAPESP é a casa do pesquisador. Aqui a gente fala de pesquisa. Não é fórum para política, ou lugar para dizer “gosto de você” ou “não gosto de você”. Havia o cuidado de escolher os assessores. Tínhamos informação sobre orientador que chantageava o orientando. Ou ele fazia o que o orientador queria, ou não podia pedir a bolsa. Tínhamos um cuidado grande com isso, particularmente com as bolsas de iniciação científica. A ordem era a seguinte: o aluno de iniciação científica merece um excelente orientador, porque esse é o momento da formação do pesquisador.

HOUE EXEMPLOS DE REJEITAR O PROJETO DO CATEDRÁTICO, QUE TINHA O NÍVEL DO PROFESSOR TITULAR DE HOJE, MAS DAR PARA SEU ASSISTENTE?

Se o projeto do assistente era bom, ele recebia. Se o do catedrático era ruim, não recebia. O cuidado maior era dar o motivo da resposta negativa. A gente recebia o pesquisador, explicava. Teve algumas situações hilariantes. Me lembro de um pesquisador A que enviou projeto e eu encaminhei para o assessor B. Por coincidência, B também tinha enviado projeto e encaminhei para A dar o parecer. A identidade dos pareceristas, claro, era sigilosa. Então A recebeu de B e B recebeu de A. Um deles foi à FAPESP reclamar que o parecerista não entendia nada da área. E que a gente deveria ter mais cuidado e enviar para beltrano, que era justamente o pesquisador que havia feito o parecer.

A FAPESP RECEBEU UMA VISITA DE MILITARES EM 1964. COMO FOI O EPISÓDIO?

Queriam saber como funcionava a FAPESP, se sabíamos quem era comunista. Disse que isso não entrava em cogitação. Pediram os nomes dos assessores. Eu respondi que eram mantidos em sigilo. Um general insistiu e eu disse para ele pedir ao governador, porque meu pedido de demissão iria naquele dia mesmo. No final, me deu um cartão e sugeriu que o procurasse se tivesse algum problema. Tinha o sobrenome Bethlem. Era parente do general Bethlem, que seria ministro do Exército.

COMO ENCONTROU A FAPESP NA SEGUNDA GESTÃO, EM 1975?

Eu não sabia que meu nome havia sido incluído na lista tríplice. Eu não conhecia o doutor José Mindlin [secretário de Estado do governador Paulo Egydio Martins]. Ele me chamou e avisou que eu seria escolhido diretor científico. Fiquei lisonjeado. Quando acabou minha primeira gestão, fui reconduzido à lista dos candidatos, mas declinei, porque tinha o compromisso em Botucatu. Mas 10 anos depois foi irrecusável nos termos em que Mindlin me apresentou. Ele era um homem fantástico, nos deu mão forte em tempos difíceis. Pude avaliar erros e acertos da primeira gestão. Algumas coisas ficaram claras. Primeiro, a importância da bolsa de iniciação científica. Os que fizeram iniciação haviam feito mestrado e doutorado mais rapidamente. Também surgiu uma crítica de que o número de bolsas havia crescido em relação ao de auxílios à pesquisa. Cresceu mesmo, porque não havia demanda para grandes projetos.

O QUE FOI FEITO?

Fomos procurar lacunas e estimulamos a apresentação de projetos para suprir essas lacunas. A exposição permanente da Amazônia, por exemplo, quintuplicou o acervo dos peixes lá do Museu Goeldi. Foi iniciativa da FAPESP. O Ab'Saber observou que na pesquisa em geografia estava faltando um acervo de fotografias aéreas. Criamos o acervo. As disciplinas de química estavam se reunindo na Cidade Universitária. Perguntei ao Paschoal Senise que iniciativas devíamos tomar. Ele lembrou que havia uma lacuna na química dos produtos naturais. E quem é a pessoa indicada? Ele disse que só tinha o Otto Gottlieb, em Belo Horizonte. Liguei para o Otto e propus que ele criasse a área na USP. Ele fez o elo com toda essa química de produtos naturais que o país tem hoje. Houve um momento em que a Fundação Ford reduziu o apoio ao Cebrap [Centro Brasileiro de Análise e Planejamento]. Chamamos os pesquisadores, avaliamos os projetos e alguns foram assumidos pela FAPESP.

A PRESSÃO POLÍTICA AINDA ERA FORTE?

O governo federal baixou um decreto dizendo que os nomes dos bolsistas no exterior deveriam passar pelo Serviço Nacional de Informações, o SNI. Isso criava um obstáculo. A

resposta podia demorar e abria-se o flanco para a interferência política. Eu disse ao Mindlin que era preciso achar um jeito. Ele afirmou que o jeito era não mandar os nomes e que a gente logo saberia se isso era possível ou não: “Ou ficamos os dois, ou caímos os dois”. Entrei em contato com o Itamaraty, fui atendido por um embaixador e disse que não ia mandar. Ele disse que sabia com quem estava falando e que podíamos não mandar os nomes. Assim, todo bolsista passava pelo SNI, menos quem era da FAPESP. O que aconteceu? Mandavam para nós os bolsistas do CNPq que precisavam viajar e não podiam esperar o aval do SNI. Depois ressarciam o recurso.

O SENHOR TEM UMA PASSAGEM PELA REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. COMO FOI PARA LÁ?

Eu estava na FAPESP no final da segunda gestão como diretor científico e pesquisadores da Federal de São Carlos foram conversar comigo. Haveria mudança de reitor e eles queriam alguém alinhado com o que São Carlos queria ser, uma universidade parecida com a Faculdade de Medicina de Botucatu. Sugeri que fizessem uma lista de pessoas que achassem respeitáveis e os convidassem para fazer uma palestra sobre universidade. Aceitaram a sugestão e me convidaram para fazer a palestra inicial. Eu fui. Quando foi realizada aquela votação que não valia, a da comunidade, eu tive 70% dos votos. Mas achei que não seria escolhido, porque na época me envolvi em Botucatu em um episódio com a tropa de choque. O reitor queria desalojar os estudantes da sala no centro acadêmico e fomos protegê-los. Mas fui nomeado. Foi uma experiência rica em que foi possível fazer uma grande transformação, mas isso não é mérito meu, é da comunidade na qual me apoiei. Levamos a sério o planejamento. Conseguimos fazer com que a universidade, que estava em 32º lugar entre as 34 federais daquele tempo quanto aos indicadores de qualidade, passasse para o 4º lugar.

SEU ENVOLVIMENTO COM A BIOÉTICA COMEÇA EM QUE MOMENTO?

Em 1985, eu e a Sonia Vieira, professora de estatística, publicamos um livrinho chamado Experimentação em seres humanos, em que fizemos a análise de abusos. Propúnhamos que era hora de ter diretrizes éticas da pesquisa com seres humanos. Depois que o livro saiu, criei a

Sociedade Brasileira de Bioética. Ela cresceu e logo surgiu o primeiro curso de bioética do país. Depois fui indicado para o Conselho Nacional de Saúde para discutir ética e saúde, em 1992, 1993. E lá eu propus a criação de normas sobre ética em pesquisa com ser humano e que a diretriz não fosse de ética profissional, mas de bioética no sentido amplo. Foi nomeado um grupo interdisciplinar, que tive a honra de presidir, com 13 pessoas, sendo apenas 5 médicos. Pegamos os dados de três ministérios: Saúde, Ciência e Tecnologia e Educação. Mapeamos 30 mil pessoas ou entidades que podiam contribuir. Mandamos o esboço do que a gente pensava. Pedimos sugestões. Queríamos que nosso sistema tivesse força de lei. E conseguimos. Esse sistema está sob a égide do Conselho Nacional de Saúde. Criamos um sistema de controle social na boa acepção da palavra. É independente, gerido pelos comitês de Ética de Pesquisa das instituições, que são multidisciplinares. Qualquer instituição que faz pesquisa precisa ter o seu. Há mais de 600 comitês. Eles não podem ter mais da metade dos membros de uma mesma área. Imagine o que foi chegar para um médico e dizer que o projeto dele ia ser analisado por 10 ou 12 pessoas e que só metade seria de médicos. Agora tenho mais um sonho que eu vou realizar.

QUAL?

Criar um sistema de bioética na atenção à saúde, nos moldes da Conep [Comissão Nacional de Ética em Pesquisa], com comitês no SUS e em hospitais privados. Não me conformo quando vejo na TV um hospital caótico. Toda instituição com mais de 20 médicos tem um comitê de ética profissional. Me pergunto: onde está o comitê do hospital caindo aos pedaços? Quando você se interna num hospital privado, é obrigado a assinar um papel em que se submete às normas do hospital. Só que esse regulamento não passou por ninguém. Essas comissões vão ter esse papel de criar regras e monitorá-las.

COMO AVALIA AS CRÍTICAS À CONEP?

A questão é complexa e mereceria uma matéria à parte. Qualquer crítica deve ser recebida com isenção e merece ser avaliada, principalmente quando se trata de uma questão da área ética. Por outro lado, a crítica deve ser procedente, fundamentada e dirigida a quem de direito. Especificamente

durante o período de 1996 a 2007, toda crítica foi devidamente avaliada. Ao lado de críticas “não caracterizadas”, visivelmente apresentadas sob pressão de conflitos de interesses, surgiram reclamações quanto à demora na tramitação de processos. Não me lembro de nenhuma crítica atingindo o corpo conceitual ou doutrinário, comprometendo alguma ou o conjunto das resoluções 196/96 e suas complementares. É preciso separar o aspecto do conteúdo bioético do aspecto operacional. As críticas, em geral genéricas, são focalizadas em aspectos operacionais, especificamente na “demora” ou na burocratização das respostas, imputadas equivocadamente à Conep, muitas vezes visando desqualificá-la. É bom lembrar o disposto no capítulo VIII da 196/96, que estipula que “o Ministério da Saúde adotará as medidas necessárias para o funcionamento pleno da comissão e de sua secretaria executiva”.

POR QUE A BIOÉTICA GANHA ESPAÇO?

Vou fazer um recorte sobre a evolução da ciência. Um ponto importante é o século XVI, com Galileu Galilei. Ele disse que a verdade dos fenômenos naturais tinha de ser descoberta pela observação e deu início às ciências experimentais. Isso permitiu um desenvolvimento tão extraordinário que, quando chega o final do século XVIII e o início do XIX, houve uma gigantesca soma de conhecimento em relação aos séculos anteriores, a que se deu o nome de revolução científica. No século XX tivemos a revolução atômica, que nos deu eticamente a responsabilidade da bomba atômica. Em 1953, Watson e Crick descobriram a dupla hélice do DNA. Começa a revolução molecular. Nos últimos 50 anos aconteceram duas revoluções simultâneas: a das comunicações e a revolução espacial. No final do século XX, início do XXI, houve a revolução da nanotecnologia. Quando todas se acoplarem, juntando a informática, teremos uma sexta revolução. Cada salto cria problemas éticos, que não podem ser resolvidos só por cientistas de uma área. É necessário chamar as outras disciplinas, sobretudo as humanas – sociologia, filosofia – para criar um balizamento ético. Se não tomarmos cuidado, a sociedade pode se autodestruir. Surgiu uma palavra, a bioética, que tem um significado profundo. Era natural eu me associar a isso.

POR QUE A ÉTICA MÉDICA É INSUFICIENTE PARA LIDAR COM A PESQUISA?

Nós médicos sempre fizemos pesquisa em seres humanos. Qual era a ética? A de Hipócrates. Não era suficiente. Em 1932, os Estados Unidos resolveram pesquisar se a sífilis não tratada da maneira tradicional tinha diferença em menino de cor negra e de cor branca. O governo abriu um ambulatório numa cidade do Arizona, que tinha uma população negra de plantadores de algodão e alta incidência de sífilis. Foram lá para serem tratados, mas ficaram sem tratamento, porque a pesquisa queria ver como eles morriam. Em 1952, médicos apresentaram esse trabalho num congresso e foram aplaudidos de pé. O projeto só foi interrompido em 1972 porque a imprensa denunciou. Quando acabou a 2ª Guerra, os abusos dos campos de concentração nazistas foram divulgados no tribunal de Nuremberg. Os juízes quiseram criar um documento para dizer que aquilo não podia mais acontecer. Surgiu o Código de Nuremberg, primeiro documento internacional falando de ética em pesquisa em ser humano. Isso em 1947. A Associação Médica Americana resolveu

fazer outro documento, em 1964, que é a Declaração de Helsinque. No Brasil ficamos até 1988 só com esses documentos. Hoje nenhuma pesquisa pode ser iniciada sem passar por um comitê de ética. Tudo deve ter consentimento do paciente.

HÁ CASOS DE VIOLAÇÕES?

Estou preso a sigilos, mas detectamos abusos. A Conep não tem poder de punição, mas avisa o Ministério Público e a instituição. Tem uma certa doença que é afritiva, que dá episódios agudos em adultos e crianças. Um médico queria pegar as crianças com a doença, desencadear o acesso para gerar a situação afritiva e, depois, dividir as crianças em dois grupos: com um recebendo o remédio novo e o outro, placebo. É justo deixar uma criança nessa situação? É um abuso. Negamos e ele insistiu em fazer. Acabamos cassando. Realmente existe isso, mas é embargado. Mas é preciso explicar a razão ao pesquisador, para ele poder reformular. O comitê de ética, quando aprova o projeto, passa a ser corresponsável. Não é um trabalho burocrático.

Crepúsculo ou Renascimento?#

William Saad Hossne*

Senhor Presidente,

Com a mais profunda sinceridade, e muito honrado, agradeço a homenagem cumulativa que me outorgam. Cumulativa, pois por ocasião do encerramento do II Congresso Brasileiro de Bioética, em Brasília, em Assembleia Geral, me foi concedido, por unanimidade, o título de Presidente de Honra da Sociedade (26 de março de 1998), o que muito me honra.

Em 2012, recebi a indicação para Presidente de Honra do X Congresso Brasileiro de Bioética, o que muito me sensibiliza. E, agora, esta homenagem na abertura do Congresso, no momento em que nossa sociedade, fundada em agosto de 1992 e criada em fevereiro de 1995, completa 21 anos de vida.

Compreende-se, assim, que os sentimentos que afloram em toda homenagem se acentuam de modo particularmente intenso e cumulativo, aqui e agora. Permitam-me, antes de mais nada, dividir essa homenagem com os membros das sucessivas diretorias e seus respectivos presidentes. Compartilho a homenagem com todos os colegas da SBB.

Meus agradecimentos, com destaque para o Prof. Bruno Schlemper Júnior, dinâmico presidente do Congresso, por quem nutro os mais profundos sentimentos de amizade, respeito e apreço; e ao Prof. Claudio Lorenzo, atual Presidente, pelo esforço e dedicação à SBB.

Meus caros colegas,

Para mim, homenagem, qualquer que seja, tem duas faces e dois tipos de protagonistas. De um lado, o

Texto lido por ocasião do X Congresso Brasileiro de Bioética, ocorrido entre os dias 24 e 27 de setembro, em Florianópolis-SC, pelo Prof. Dr. William Saad Hossne, Presidente de Honra.

* Médico. Professor Emérito (Cirurgia) da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Medicina, *campus* Botucatu-SP, Brasil. Membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. Membro do Comitê Internacional de Bioética da UNESCO. Coordenador do Programa *stricto sensu* em Bioética (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado) do Centro Universitário São Camilo-SP, Brasil. E-mail: posbioetica@saocamilo-sp.br

homenageado e, de outro, quem outorga a homenagem. Ambos estão ligados entre si, em interação. Na realidade, homenagem é um momento de mútua gratidão entre protagonistas. A homenagem é sempre um ato bilateral, com as duas faces, envolvendo quem recebe e quem concede. Ambos estão na berlinda. Quem recebe tem que fazer e continuar a fazer jus ao que recebe. Quem outorga assume a responsabilidade de seu ato. Ambas as partes poderão vir a ser elogiadas e/ou criticadas. Assim, parece-me cabível, por ser justo, que compartilhem a homenagem.

Compartilhar o quê? Sentimentos e pensamentos.

Toda homenagem faz aflorar, de um lado, sentimentos de alegria e de emoções agradáveis; de outro, apreensões e angústias, obrigando-nos a parar para sentir, equacionar e pensar. Quero, pois, compartilhar de toda a turbulência desses sentimentos e pensamentos. Espero ter a benevolência de vocês para que, ao compartilhar, eu possa melhor equacionar essa tempestade emocional e cognitiva, buscando a solidariedade e a serenidade.

Escolhi, como tábua de salvação, a formulação de uma pergunta, uma única pergunta. É uma pergunta que, ao tentar buscar uma resposta, me dará a oportunidade de evocar um pano de fundo, cuja descrição, ainda que bem sumária, permitirá intuir emoções, sentimentos e pensamentos como válvula de escape. Ao final, prometo compartilhar, oferecendo minha singela, talvez ingênua resposta.

Vamos à pergunta: *Crepúsculo ou Renascimento? Crepúsculo matutino ou crepúsculo vespertino?*

Aqui tomo, por empréstimo de Gilles Lipovetsky, filósofo francês, o vocábulo *crepúsculo*, utilizando-o com sentido muito parecido, mas não exatamente igual ao por ele empregado. Lipovetsky (1992) publicou o livro *Le crepuscule du devoir* (O crepúsculo do dever), do qual destaco o seguinte.

Comentando as diretrizes do Código de Nuremberg e Declaração de Helsinque, diz:

A filosofia investigativa [gostei da expressão] é um humanismo pragmatista que justapõe firmeza do princípio de respeito pela pessoa e flexibilidade exigida pelo progresso científico; ela recusa transformar o homem em pura cobaia, mas também recusa privar-se de um meio necessário ao desenvolvimento do saber e da utilidade coletiva.

Prossegue Lipovetsky:

É este compromisso entre realismo científico e idealismo ético, utilitarismo e kantismo, imperativo hipotético e imperativo categórico que caracteriza aquilo que se pode chamar o pós-modernismo bioético.

E arremata:

Depois da era das regras maniqueístas do bem e do mal, impõe-se o diálogo bioético...

Crepúsculo ou Renascimento? Para Lipovetsky, seria renascimento? Para Bauman, seria Crepúsculo?

Zygmunt Bauman (1997) faz uma análise sobre a ética pós-moderna, dizendo que há quem associe a moralidade pós-moderna à “morte da ética” e, nesse sentido, diz textualmente “se se precisar de exemplo dessa interpretação da revolução ética pós-moderna, não se pode fazer pior do que consultar o estudo de Gilles Lipovetsky ‘O crepúsculo do dever’”.

Na realidade, o que importa é que se sugere que “entramos finalmente na área de *après le devoir*”, uma época pós-deontológica em que se libertou nossa conduta dos últimos vestígios de opressivos “deveres infinitos, mandamentos e obrigações absolutas”.

Pergunto eu: não estamos, no caso, confundindo moral com ética? Crepúsculo da moral ou da ética? Crepúsculo de ética? Ou valorização da ética (liberdade de opção) sobre a moral?

De certa forma, Lipovetsky e Bauman nos criam angústia pela ambivalência, aliviada em parte por Bauman ao dizer que a era que vem “depois do dever” só pode admitir uma moralidade (aqui é moral e não ética) muito minimalista e em declínio. Angústia aliviada, também em parte, por Lipovetsky, aplaudindo seu advento (no caso, da ética) pela liberdade que trouxe junto.

Mas a pergunta ainda subsiste: Crepúsculo? Sim? Não? Em parte? Ou Renascimento?

Lendo os jornais, as revistas mundanas, acompanhando notícias na mídia em geral com relatos de mortes gratuitas, mortes inocentes, de crianças em guerras civis, com denúncias graves de corrupção, a situação calamitosa dos excluídos, a gente chega a se indagar se é crepúsculo de dever ou crepúsculo de valores. O bem supremo que é a vida não tem, ao que parece, valor.

Vive-se sob o emblema, pode se dizer, do consumismo e da descartabilidade, até da vida. É crepúsculo dos deveres ou crepúsculo de valores? Crepúsculo de valores,

porque os valores não são conhecidos ou não são reconhecidos? Ou são conhecidos, mas desprezados e ignorados?

No entanto, nunca se falou tanto em ética quanto agora.

O melhor é fazer renascer os deveres (deontologia, moral) ou fazer renascer os valores (ética com a consequente deontologia)?

Crepúsculo? Ou renascença? Aqui me permito formular uma outra pergunta, como linha auxiliar.

Educação ou Acomodação?

Educamos para renascer ou nos acomodamos, sob qualquer manto, abrindo mão da liberdade de escolha, lembrando que qualquer processo, instrumento e/ou conjuntura que impeça a liberdade de opção (com a devida responsabilidade) é incompatível com o exercício da ética.

Por falar em liberdade, é bom lembrar a outra face da moeda. Defende-se a liberdade, mas tem-se medo dela (e consequente responsabilidade). A liberdade de opção pode levar à angústia da opção, quase sempre presente no ser humano diante de tal situação. Para fugir da angústia, o ser humano chega a abrir mão, por mais paradoxal que seja, da tão desejada liberdade.

Na verdade, essa angústia leva à reflexão crítica; ao invés de fugirmos dela, devemos aprender a elaborá-la. Crepúsculo ou renascimento?

O ser humano deseja a liberdade de atuação, luta contra a opressão, coerção e/ou coação. Por isso deseja e aplaude a autonomia; mas, em situações que geram angústias, deseja que haja quem decida por ele, que os códigos (deontológicos ou morais) assumam o papel da ética.

Crepúsculo ou renascimento?

À medida que a ética vai penetrando nas atividades humanas, maiores são as possibilidades de transformação. Propostas, ideias, planos de inovação e reformulação podem surgir após análise crítica do *status quo*. Sente-se, e na ética isso não é diferente, que há necessidade de mudanças. Mudanças são necessárias, mas se tem medo de realizá-las.

Além do medo, luta-se com a inércia da mediocridade; o instinto de sobrevivência da mediocridade (em geral, maioria) é tão grande que ela criará todos os obstáculos para que não ocorram mudanças.

Crepúsculo? Renascimento?

A Bioética tem encontrado ampla ressonância nos diversos segmentos da sociedade, tanto no meio leigo como na comunidade científica. Cada dia se publicam

mais artigos científicos, cada dia se criam mais sociedades, Comissões e/ou Comitês de Bioética. Essas associações têm levado a Bioética a crescer, se estruturar e se difundir.

Nesse processo de associação e de expansão, corre-se o risco de criar agentes que possam levar ao crepúsculo. Não seriam (não devem ser) admissíveis nessas associações (algumas de caráter corporativo) certos atos ou atitudes, tais como barganhas, conchavos em busca de poder, de vedetismo leviano e/ou de panfletagem; não se coadunam em uma sociedade de eticistas ou de bioeticistas. Do mesmo modo é inaceitável tentar-se fazer da bioética instrumento de ideologização espúria.

É bom lembrar que tal tipo de consideração foi analisado em dois seminários da Sociedade Brasileira de Bioética nos seus dois primeiros anos de vida. A preocupação deve levar a desenvolver mecanismos de formação dos associados, bem como criar mecanismos que zelem pela integridade ética das associações, comissões e/ou Comitês.

Volta a pergunta: Crepúsculo ou renascimento?

No Brasil, vivemos um momento muito importante para a Bioética. Dispomos hoje (a partir de 2004) de Programas de Pós-Graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) específicos em Bioética – já são quatro programas ou cursos (São Camilo, UNB, UFRJ, UFF, UERJ, FIOCRUZ e PUC-PR). No dizer do filósofo Gerard Fourez (1995), uma nova área do conhecimento vivencia, em seu início, uma fase pré-paradigmática.

À medida que cresce, evolui e se estrutura, vai buscar atingir a fase paradigmática. A concretização e o marco de que ela atingiu a fase paradigmática ocorrem quando se instala a 1ª Pós-Graduação na área, o que ocorreu em 2004, no Brasil (no Centro Universitário São Camilo).

Inicia-se, então, o processo acadêmico universitário de formação de uma comunidade científica na referida área do conhecimento. Segue-se a fase pós-paradigmática, e aqui trago novamente para reflexão a indagação Crepúsculo ou Renascimento?

A meu ver, um dos riscos de crepúsculo é não formar adequadamente os membros da comunidade, que irão servir de matrizes para outros membros. Não se pode errar. Estou convicto de que todos nós estamos nessa jornada.

Crepúsculo ou Renascimento?

Vai depender de nós. Dependerá do que faremos pelos outros e do que faremos de nós. Fourez aponta para outro tipo de risco. Com ele concordo plenamente. Diz Fourez que a nova área de conhecimento, no mundo

atual, costuma se iniciar quando a sociedade (segmentos ou totalidade) encaminha uma demanda a uma área específica, já consolidada e correlacionada com a demanda. Se a área eleita não consegue dar resposta à demanda, ela tende a buscar a cooperação e colaboração de áreas afins; criam-se os laços de multi e interdisciplinaridade.

Para Fourez, criada uma comunidade expressiva na nova área, via pós-graduação, as demandas passam a ser pautadas, como tendência geral, pelos próprios membros da comunidade, não mais serão demandas “vindas de fora”.

Alerta Fourez para os riscos de se deixar de “ouvir o grito de sofrimento do outro”. Para nós, é preciso incluir o excluído, ouvindo seu grito, gemido e/ou sussurro; e não basta inclusão, é preciso inclusão com suporte, formação e direitos assegurados, enfim assimilação, não corpo estranho a ser fagocitado.

Quem pautará a Bioética?

Crepúsculo ou Renascimento?

Vou tentar dar minha resposta.

Sei que o que vou dizer pode ser para os filósofos uma heresia, ou uma afirmação leviana. Como sou médico e cirurgião e não filósofo, posso ser absolvido pela heresia.

Após refletir, usando minha párea capacidade de análise, creio, como outros, que a humanidade, sobretudo do mundo ocidental, teve um marco muito importante e característico no séc. IV e V a.C na Grécia antiga.

A humanidade teve a grande oportunidade de assistir ao nascimento, simultâneo pode-se dizer, da filosofia, da medicina e da democracia (como instituição social e não apenas de governo). Nasceram, como se fossem trigêmeos, um influenciando o outro.

Jaeger, o helenista, autor de *Paideia*, diz textualmente: “Pode-se afirmar sem exagero que sem o modelo da medicina seria inconcebível à ciência ética de Sócrates”. De todas as ciências humanas então conhecidas, incluindo a matemática e a Física, é a medicina a mais afim de ciência ética de Sócrates.

Por outro lado, Hipócrates não teria chegado a tirar a Medicina do terreno da magia, criando o raciocínio clínico e já vinculando o ato médico e a relação médico-paciente ao Código de Ética, no juramento hipocrático, sem o suporte da Filosofia.

Alguns estudiosos de obra e da vida de Hipócrates julgam que ele foi médico e filósofo, talvez mais filósofo

do que médico, e isso é dito referindo-se ao pai da medicina.

Medicina e filosofia, graças ao nascimento da democracia participativa (Boulé ou Conselho dos Quinhentos e a Ekklesia) assegurando isonomia e isogoria, encontraram terreno adequado para seu desenvolvimento autêntico, sem amarras.

Penso, portanto, que Medicina, Filosofia e Democracia, nascendo, se desenvolvendo e interagindo entre si constituíram o grande salto e marco da civilização ocidental. Foi um momento de aurora (crepúsculo matutino, quando a claridade vai aumentando) e de iluminação marcante que sobrevive há já 25 séculos.

Pois bem, e hoje?

Teremos crepúsculo ou renascimento?

Como já disse, posso vir a ser acusado por cometer uma heresia filosófica. Peço, novamente, como atenuante levar em conta que sou médico cirurgião e não filósofo de carreira. A “heresia” diz respeito ao que sinto. Não sei se o que vou dizer tem sustentação, realmente subsiste e se o fenômeno ocorrerá como eu sinto, ou que eu tenha razão. Sei, porém, que sentir e pensar assim me dá tal expectativa agradável de Renascimento que desejo compartilhar com todos os colegas da Bioética.

Há 25 séculos, a aurora ocorreu porque a Medicina, Filosofia e Democracia interagiam entre si. Pois bem, no séc. XXI, estamos tendo a possibilidade de unirmos não apenas a Medicina, mas todas as profissões da saúde, não apenas a Filosofia, mas todas as ciências humanas e sociais, não apenas as ciências biológicas, mas toda a tecnociência e estamos empenhados na defesa e no aperfeiçoamento da democracia.

Como?

Pela Bioética, unindo, como pretendia Potter, a esfera da tecnociência com a esfera da cultura. Esse é um dos legados de Potter e da Bioética. Creio que a humanidade, se tiver juízo, deveria, com a Bioética, trazer um renascimento, tão ou mais marcante do que aquele que ocorreu há 25 séculos. Nós, mais velhos, devemos nos sentir felizes pela oportunidade de presenciar o início desse renascimento, e os mais jovens, mais felizes ainda, por terem a oportunidade de construir e vivenciar este Renascimento.

Crepúsculo ou Renascimento?

Renascimento!

Muito Obrigado!

Homenagem ao Dr. William Saad Hossne por ocasião do X Congresso Brasileiro de Bioética

José Marques Filho*

Florianópolis, 24-27 de setembro de 2013

A autora francesa Françoise Waquet, na sua obra *Os filhos de Sócrates – cujo subtítulo é Filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI* –, faz uma sensível análise da relação entre Mestres e Discípulos.

A autora nos faz a seguinte provocação:

Essas palavras ainda têm sentido atualmente, quando numerosas desmistificações modificaram a economia tradicional dos conhecimentos e afetaram várias crenças que, durante muito tempo, deram base à civilização ocidental?

No decorrer de seu texto, ela mesma responde enfaticamente: Sim!

O referido texto demonstra, com base em relatos, rituais e práticas, a profundidade de sentido das palavras *Mestre e Discípulo*.

Abordando exemplos multidisciplinares, como gosta o Prof. William, a autora reconstitui a variedade de figuras magistrais cujos arquétipos são Sócrates e a imagem do pai. Eles traduzem a diversidade e a complexidade de uma relação fundada no poder e no afeto, desvelando “um laço

da alma”, quando não se trata de uma verdadeira filiação. Essa relação pessoal aparece, no contraste com os livros, como o modo por excelência da transmissão do verdadeiro saber; aquele que ocorre ouvindo o mestre falar e o vendo trabalhar; aquele que não se paga, mas se doa. Tal qual a relação médico-paciente, essa também é assimétrica e muito complexa. Uma relação ambivalente, que pode estagnar os conhecimentos numa forma ortodoxa e produzir clones ou, ao contrário, unir positivamente a tradição à originalidade para gerar novos mestres, que continuarão a longa cadeia do saber.

O Dr. William nunca produziu clones!

Tenho absoluta certeza que falo em nome dos mais de 116 mestres e pelos 3 doutores formados pelo Centro Universitário São Camilo. O Dr. William é o nosso verdadeiro *Mestre*. Fez Escola, no sentido mais profundo desse conceito e tem seguidores – seus fiéis discípulos.

Eu sou, orgulhosamente, um deles.

Obrigado, meu querido professor William Saad Hossne.

Ciência e bioética#

Ruy Martins Altenfelder Silva**

É necessário reunir diferentes disciplinas para criar um balizamento ético sobre os problemas criados pelo avanço da ciência

Invasões a centros de pesquisa reacenderam a discussão sobre o uso de animais em experimentos voltados à área da saúde.

A ação dos protetores das cobaias chegou às faculdades de medicina. Na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, uma aula sobre traqueostomia (procedimento que livrou da morte por sufocação milhões de pessoas) foi interrompida por um protesto em defesa dos porcos

usados pelo professor para demonstração da técnica – aliás, permitida.

A questão não chegará tão cedo a consenso. Mas talvez a mais ampla disseminação de informações corretas por parte dos pesquisadores e uma melhor avaliação das consequências das invasões por parte dos manifestantes permitam estabelecer limites civilizados.

A conciliação evitaria a perda de anos de custosos estudos e o atraso na descoberta de esperados medicamentos que curem doenças letais ou aliviem o sofrimento dos pacientes, humanos e animais. Fundamental seria o conhecimento e o respeito à legislação brasileira, uma das melhores do mundo na área.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 11 de dezembro de 2013, Página: A3.

* Doutor em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo-SP.

** Presidente do conselho de administração do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e da Academia Paulista de Letras Jurídicas (APLJ).

Boa parte da excelência desses parâmetros deve-se a uma das muitas contribuições do professor William Saad Hossne, coordenador do programa de bioética do Centro Universitário São Camilo. Mestre em bioética, Saad mergulhou num campo transdisciplinar que envolve a biologia, as ciências da saúde, a filosofia e o direito.

A bioética estuda a dimensão ética dos modos de tratar a vida humana e animal em pesquisas científicas. Em outras palavras, busca aliar uma perspectiva humanista aos avanços tecnológicos, entre os quais despontam temas delicados – e ainda não consensuais – como clonagem, fertilização *in vitro*, transgênicos e células-tronco.

Ciclicamente, a questão volta ao debate, pois, como ensina Saad, cada salto da ciência cria problemas éticos que não podem ser resolvidos por apenas uma área. É necessário chamar outras disciplinas para criar um balizamento ético. Sem esse cuidado, a sociedade pode se autodestruir. Recorrendo à generosa partilha de ideias, que o professor promoveu ao longo dos seus bem vividos (e ainda muito ativos) 86 anos, o século 20 foi palco de cinco

revoluções: a atômica, a molecular, a das comunicações, a do espaço sideral e a da nanotecnologia.

Agora, já estão aí os sinais de novo salto, resultante da integração dos cinco anteriores no que se pode chamar de tecnociência. A ética da sexta revolução herdará algumas características da bioética, cuja prática implica a livre escolha de valores. Coação, coerção, sedução, exploração ou qualquer mecanismo de inibição à liberdade são fraudes incompatíveis com o exercício ético.

A prática da bioética permite a resolução de conflitos inerentes aos avanços da ciência com o respeito a valores que pautam as grandes conquistas da humanidade: humildade, grandeza, prudência e solidariedade. Saad não prescinde da filosofia. Pergunta: o que faremos com tanto poder concedido pela ciência? A resposta, ele encontrou em Eric Hobsbawm, segundo quem o mundo não melhora sozinho, mas com posturas humanistas e inteligentes, como as adotadas por Saad Hossne ao longo de sua trajetória.